

Semântica de *Frames* e tradução: um estudo da equivalência de termos culturalmente marcados

Frame Semantics and translation: a study on the equivalence of culture-bound terms

Anderson Bertoldi*

RESUMO: Este artigo discute a equivalência de tradução de termos culturalmente marcados sob o viés da Semântica de *Frames*. Os termos culturalmente marcados, também chamados de marcadores culturais na literatura dos estudos de tradução, causam dificuldades aos tradutores devido à falta de um equivalente na língua para a qual a tradução está sendo realizada. Para investigar a equivalência de tradução desses termos, foram selecionados, na obra *Casa-grande & senzala*, de Gilberto Freyre, termos relacionados à estrutura escravocrata da produção açucareira, como *senzala*, *casa-grande*, *engenho* e *senhor de engenho*. Os termos selecionados foram, então, comparados com os equivalentes de tradução da versão em inglês, *The Masters and the Slaves*. A metodologia deste trabalho seguiu os princípios da Linguística de *Corpus*. Os textos foram digitalizados, manualmente corrigidos e alinhados com ferramentas de gerenciamento de *corpora* eletrônicos. Os resultados observados sugerem que a tradução de termos culturalmente marcados possa se dar por meio de empréstimos interculturais de estruturas conceituais, que neste trabalho são chamadas de *frames* semânticos.

PALAVRAS-CHAVE: Marcadores culturais. Equivalência de tradução. Linguística de *Corpus*.

ABSTRACT: This paper discusses the translation equivalence of culture-bound terms according to Frame Semantics. Culture-bound terms, also known in the translation studies literature as cultural markers, hamper the translation process due to the lack of an equivalent term in the language to which the text is being translated. In order to investigate the translation equivalence of these terms, culture-bound terms related to the slaveholding sugar production, such as *senzala*, *casa-grande*, *engenho* and *senhor de engenho*, in *Casa-grande & senzala*, by Gilberto Freyre, were collected and compared to their equivalents in the English version *The Masters and the Slaves*. The methodology of this work was based on Corpus Linguistics principles. The texts were digitized, manually corrected and aligned, with the support of electronic corpora management tools. The results suggest that the translation of culture-bound terms could be carried out by means of intercultural borrowing of conceptual structures, which in this work are called semantic frames.

KEYWORDS: Cultural markers. Translation equivalence. Corpus linguistics.

1. Introdução

A equivalência de tradução é, sem dúvida, o conceito mais controverso dos estudos de tradução. Estabelecer uma relação de equivalência entre itens lexicais de línguas diversas não é uma tarefa trivial e, se essa tarefa já não é simples para itens lexicais que expressam

*Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada – Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

experiências ordinárias, torna-se ainda mais delicado para o tradutor estabelecer relações de equivalência para termos culturalmente marcados. Esses itens lexicais, também chamados de marcadores culturais (HERRERO RODES, 1998), são reconhecidamente difíceis de serem traduzidos, pois, representando as peculiaridades de uma determinada cultura, não apresentam equivalentes de tradução em outras línguas. Busca-se, neste trabalho, explicar a equivalência de tradução dos marcadores culturais sob o viés da Semântica de *Frames*, teoria linguística que integra o modelo teórico-metodológico conhecido como Linguística Cognitiva.

Como já foi dito anteriormente, os marcadores culturais são tidos como itens lexicais de difícil tradução. Tais termos representam de fato uma dificuldade para o tradutor? Para responder a essa pergunta, optou-se por estudar a tradução de uma obra brasileira rica em marcadores culturais. A escolha foi *Casa-grande & senzala* (FREYRE, 1998), obra de cunho social-antropológico, que trata da formação da sociedade brasileira. Assim, busca-se, neste trabalho, analisar como a tradução para o inglês *The Masters and the Slaves* (FREYRE, 1986)¹ apresenta esses itens lexicais. Desse modo, este artigo explora os marcadores culturais relacionados à estrutura escravocrata da produção açucareira no Brasil, como *senzala*, *casa-grande*, *engenho* e *senhor de engenho*, presentes na obra *Casa-grande & senzala*, de Gilberto Freyre. Esses termos, devido à sua especificidade cultural, podem ser considerados marcadores culturais.

De forma a preparar o *corpus* para a realização dos procedimentos analíticos, os textos em português e inglês foram digitalizados, convertidos em documento de texto e corrigidos manualmente para eliminar problemas gráficos causados no processo de conversão da obra para o formato digital. Os marcadores culturais relacionados à estrutura escravocrata da produção açucareira no Brasil foram identificados no texto de partida e, a partir do alinhamento do texto fonte com o texto alvo, verificaram-se os equivalentes de tradução propostos para os marcadores culturais analisados.

Os resultados obtidos com este estudo permitem repensar o conceito de equivalência de tradução, evitando tanto uma visão simplista de equivalência como a rejeição desse conceito. A partir dos dados discutidos neste trabalho, adota-se uma visão dinâmica de equivalência de

¹ A tradução da obra para o inglês é de responsabilidade de Samuel Putnan.

tradução, em que as relações de equivalência são estabelecidas pelo tradutor em grande parte por aproximações conceptuais² entre a cultura da língua fonte e a cultura da língua alvo.

Assim, para abordar o tema da equivalência dos marcadores culturais, este trabalho está organizado da seguinte forma: na seção 2, trata-se do conceito de equivalência de tradução; na seção 3, discute-se a problemática do estabelecimento de relações de equivalência para os marcadores culturais, itens lexicais cujo significado é culturalmente delimitado, representando, assim, uma dificuldade para os tradutores; na seção 4, apresenta-se a Semântica de *Frames*, teoria que embasa a discussão da equivalência de tradução como um fenômeno dinâmico e cognitivamente fundamentado; na seção 5, são apresentados os procedimentos metodológicos empregados nesta pesquisa, desde a digitalização dos textos em português e inglês até a manipulação eletrônica do *corpus*, e a discussão sobre a equivalência dos marcadores culturais com base nas linhas de concordância selecionadas do *corpus*; a seção 6 aborda os limites desta pesquisa e os desdobramentos futuros.

2. A equivalência de tradução

A equivalência de tradução é, sem dúvida, o conceito mais controverso no âmbito dos estudos de tradução. Catford (1980, p. 22) afirma que a tradução é “a substituição de material textual numa língua (LF) por material textual equivalente noutra língua (LM)”. Essa visão de equivalência implica um conceito de tradução como mera transcodificação do texto, sem considerar os problemas conceptuais que estão envolvidos na busca por relações de equivalência entre línguas. A problemática do estabelecimento de relações de equivalência leva estudiosos da tradução, como Arrojo (1996), a rejeitarem a existência da equivalência. Mas o que faz da equivalência um conceito tão polêmico nos estudos de tradução?

² Coloca-se aqui um problema de fundo terminológico. Este trabalho, uma vez que advoga que a tradução é um processo de reconceptualização na língua de chegada dos significados presentes no texto de partida, segue a posição de Langacker (2008) e distingue *conceito* de *conceptualização*. Enquanto conceitos são estáticos, a conceptualização é um processo de significação mais dinâmico. Como a tradução de marcadores culturais envolve o estabelecimento de relações de equivalência na língua alvo para conceitos em grande parte desconhecidos pelos falantes dessa língua, a tradução pode ser considerada um processo de conceptualização. Assim, este trabalho empregará expressões como *aproximação conceptual*, em vez de *aproximação conceitual*, ou *estrutura conceptual*, em vez de *estrutura conceitual*, pois está-se tratando aqui de processos cognitivos de conceptualização motivados pelo processo tradutório. Como a tradução de marcadores culturais nem sempre envolve o estabelecimento de uma relação de equivalência entre um conceito da língua fonte e outro conceito da língua alvo, defende-se, neste trabalho, que a tradução é um processo de conceptualização, não de conceitualização. Assim, neste trabalho, fala-se de *aproximações conceptuais*, e não de *aproximações conceituais*, ou então em *relações conceptuais*, e não em *relações conceituais*, por entender haver uma diferença entre a dinamicidade do processo de conceptualização do significado e a rigidez do conceito, conforme discussão apresentada em Langacker (2008).

A resposta a essa pergunta está diretamente relacionada à dificuldade de se estabelecer, na língua alvo, um equivalente satisfatório para um item lexical da língua fonte. Pode-se ilustrar essa dificuldade de busca de equivalência por meio de uma pesquisa pelos verbos *stroll*, *saunter* e *walk* em um dicionário bilíngue. O Dicionário Oxford Escolar (2002), dicionário cujo foco é o aprendiz de língua inglesa, traz como equivalente de *stroll* o verbo *caminhar*. Para *saunter*, o Oxford Escolar traz a seguinte definição: *caminhar vagarosamente*. Já para *walk*, esse mesmo dicionário apresenta como equivalentes *andar*, *passar* e *percorrer*. Percebe-se, por meio desses exemplos, que não apenas as relações polissêmicas, mas também as delimitações semânticas de cada palavra, em português e em inglês, não são equivalentes. Um dos desafios para o conceito de equivalência poderia ser justamente explicar essa diversidade de equivalentes apresentada por dicionários bilíngues para um determinado item lexical.

Para Altenberg e Granger (2002, p. 22), as diferentes extensões de significados resultam em padrões complexos de polissemia nas línguas. Um item lexical de uma língua e o seu equivalente de tradução podem apresentar as mesmas extensões de significado, não havendo qualquer problema de equivalência. No entanto, a prática tradutória mostra que a sobreposição de significados de um item lexical e seu equivalente de tradução é muito rara, talvez até inexistente. Os exemplos apontados anteriormente para os verbos *stroll*, *saunter* e *walk* demonstram que os padrões de polissemia são, em geral, divergentes. Assim, os itens linguísticos de duas línguas têm diferentes extensões de significado. Em dicionários bilíngues, esses padrões divergentes de polissemia podem ser percebidos por meio das listagens de possíveis equivalentes propostos para um determinado item lexical. Altenberg e Granger (2002) também apontam para a inexistência de correspondência entre as línguas, quando não se consegue estabelecer uma relação de equivalência na língua alvo para um item lexical da língua fonte.

Snell-Hornby (1983, p. 214-215) propõe quatro níveis de equivalência, que vão desde a equivalência plena entre dois itens lexicais de línguas diversas até a falta total de equivalência. Assim, a *equivalência total* implica uma correspondência intencional e extensional entre itens lexicais de duas línguas. Esse é o caso de termos técnicos, como *oxygen/oxigênio*, e termos de difusão internacional, como *typewriter/máquina de escrever*. A *equivalência de trabalho* ocorre quando as extensões de significado do item lexical em uma língua e de seus equivalentes em outra língua não se sobrepõem perfeitamente, e o equivalente necessita ser encontrado com base

no contexto. Esse é o caso do verbo *toknow* em inglês, que em português possui dois correspondentes, *saber* e *conhecer*.

A *cobertura parcial* ocorre quando um item linguístico em uma língua encontra correspondência parcial em um item linguístico de outra língua, sendo que o restante do significado do verbo necessita ser expresso por paráfrase. Esse é o caso do verbo inglês *tip toe*, cujo significado de movimento corresponde, em português, a um verbo, mas a maneira como o movimento foi realizado necessita ser parafraseada: *caminhar na ponta dos pés* ou *entrar na ponta dos pés*. Já a *cobertura-zero* ocorre quando um determinado item linguístico expressa um conhecimento cultural muito específico. Esse é o caso de muitos marcadores culturais que não encontram equivalente em outra língua, como *pamonha*, *canjica* ou *acaçá*.³

Kade (1968, *apud* PYM, 2010, p.29) apresenta quatro tipos de relação de equivalência, conforme os padrões de polissemia que se estabelecem entre um item lexical e seu equivalente. Essa relação pode ser *um para um*, quando, para cada item lexical da língua fonte, há apenas um equivalente na língua alvo; *um para muitos* ou *muitos para um*, quando um item lexical na língua fonte encontra mais de um equivalente na língua alvo ou vice-versa; *um para parte*, quando um item lexical encontra equivalência apenas parcial em um item lexical de outra língua; e *um para nenhum*, que é a falta de equivalência.

Segundo Duval (2008, p. 274),⁴ os casos mais simples de equivalência são aqueles em que “(...) o significado aponta para a mesma realidade cultural, e quando o significante é um item reconhecido no léxico de ambas as línguas”. Como exemplo, pode-se citar *computador/computer*, *máquina de escrever/typewriter* ou *oxigênio/oxygen*. Por se tratar de termos técnico-científicos, esses itens lexicais encontram equivalentes em diferentes línguas.

Duval (2008, p. 275) ainda afirma que “a equivalência perfeita exige níveis iguais de denotação, por exemplo, a referência ao mesmo elemento da realidade, e níveis iguais de conotação, por exemplo, a referência à mesma rede de associações culturais relacionadas às palavras de ambas as línguas”. Assim, em casos culturalmente mais específicos, o item lexical

³ A tradução de termos ligados à culinária é, sem dúvida, um desafio para o tradutor, pois envolve não apenas o conhecimento de novos alimentos, mas de novas formas de preparo e de consumo. Apesar de esses termos poderem ser considerados como exemplos de termos com cobertura-zero na cultura da língua alvo e, portanto, sem tradução, a análise do corpus de tradução de Casa-grande & senzala demonstra que o tradutor opta por explicar, entre vírgulas, a constituição desses alimentos: (...) pamonhas, canjicas, açaças (...) (FREYRE, 2003, p. 543). (...) pamonhas, or corn-cakes; canjica or corn paste; açaçá, a confection made of rice flour and Indian corn (...) (FREYRE, 1986, p. 461).

⁴ Todas as traduções de textos que se encontram em língua estrangeira nas referências são de responsabilidade do autor.

pode estar presente no léxico de ambas as línguas, mas a realidade cultural representada pelo item na língua fonte não faz parte do conhecimento do falante da língua alvo. Essa é especialmente a problemática dos marcadores culturais. Mesmo que o tradutor consiga estabelecer uma relação de equivalência entre um item lexical da língua alvo e o marcador cultural da língua fonte, a estrutura de conhecimento evocada pelo marcador cultural na língua fonte pode não ser compartilhada pelos falantes da língua alvo.

3. A problemática da equivalência de tradução dos marcadores culturais

Por que os marcadores culturais desafiam o conceito de equivalência? Não é de hoje que os estudiosos da tradução reconhecem a existência de elementos linguísticos culturalmente marcados. Esses elementos linguísticos têm recebido diversos nomes: *traços culturais* (NIDA, 1964), *termos culturais* (NEWMARK, 1982), *palavras culturais* (NEWMARK, 1988), *referências culturais* (MAYORAL, 1994), *elementos culturais específicos* (FRANCO, 1996) e *marcadores culturais* (HERRERO RODES, 1998).

Segundo Herrero Rodes (1998), os marcadores culturais, por serem termos intimamente ligados a uma determinada cultura, dificilmente possuem equivalentes plenos em outra língua. Por esse motivo, são muito propensos a causar problemas de equivalência. A autora, porém, reconhece que nem sempre os marcadores culturais são um problema para a tradução, já que o tradutor pode utilizar estratégias de tradução que minimizem a falta de um equivalente apropriado. Newmark (1988), por outro lado, faz uma distinção entre língua cultural, língua pessoal e língua universal para reconhecer elementos culturais que causariam estranheza no leitor de uma obra traduzida.

Para Newmark (1988), a palavra *breakfast* (*café da manhã*, em português brasileiro) faria parte do inventário de itens lexicais da língua universal e, por ser um conceito universal, não causaria problemas para a tradução. No entanto, Fillmore (1982) apresenta uma longa discussão sobre o conhecimento cultural que o falante necessita ter para compreender o significado de *breakfast*. A palavra *breakfast*, no contexto cultural norte-americano, pode se referir tanto à primeira refeição do dia como à refeição contendo alimentos tipicamente consumidos em um café da manhã. Assim, não causa estranheza aos norte-americanos encontrar um restaurante que sirva *breakfast all day*⁵ ou uma família ter *breakfast for dinner*⁶. Esses

⁵ Café da manhã o dia todo.

⁶ Café da manhã para o jantar.

exemplos mostram que alguns conceitos, aparentemente universais, podem revelar hábitos próprios de uma determinada cultura.

Um tradutor pode até desconhecer o fator cultural envolvido no conceito de *breakfast*, como os alimentos que caracterizam um café da manhã nos diferentes países, mas, com certeza, não pode deixar de reconhecer a especificidade cultural da frase *We'll have breakfast for dinner*⁷. Devido a essa natureza contextual do significado, Herrero Rodes (1999) opta por chamar os marcadores culturais de *marcadores culturais específicos*, já que, somente pelo contexto, seria possível identificar um marcador cultural.

4. A Semântica de *Frames* aplicada aos estudos de tradução

A Semântica de *Frames* tem sido aplicada aos estudos de tradução desde a década de 80, como se pode conferir nos trabalhos de Vannerem e Snell-Hornby (1986), Vermeer e Witte (1990) e Snell-Hornby (1988, 2005). Essa teoria, proposta por Charles J. Fillmore entre fim da década de 70 e o início da década de 80 (FILLMORE, 1976; 1977; 1982; 1985), nasce a partir de um conceito muito discutido na década de 70: o *frame*. Para Goffman (1974), o *frame* organizaria a experiência e guiaria as ações dos indivíduos; já para Minsky (1974), o *frame* seria uma estrutura mental que organizaria a informação, permitindo aos indivíduos, sempre que se deparassem com uma nova situação, organizar e compreender essa experiência.

Fillmore (1982, p. 111) define o conceito de *frame* dizendo que:

Pelo termo “*frame*”⁸ eu tenho em mente qualquer sistema de conceitos relacionados de tal forma que para entender qualquer um deles é preciso entender toda a estrutura na qual ele se encaixa; quando um dos conceitos é introduzido em um texto ou em uma conversa, todos os demais conceitos são automaticamente acessados.

Para a Semântica de *Frames*, as palavras evocam um conhecimento de mundo que é organizado na mente dos falantes por meio de estruturas cognitivas: os *frames* semânticos. Fillmore (1985, p. 232) afirma que “um *frame* é evocado pelo texto se alguma forma ou padrão linguístico é convencionalmente associado com o *frame* em questão”. Os itens lexicais

⁷ Nós teremos café da manhã para o jantar.

⁸Fillmore (1982) traz o termo *frame* entre aspas. O itálico, no entanto, é de responsabilidade do autor do artigo e é utilizado ao longo do texto para indicar que a palavra *frame* não está sendo traduzida. Aqui há uma questão terminológica que merece ser destacada. Embora a sociolinguística interacional costume traduzir o termo *frame* por *enquadre*, os linguistas e semanticistas cognitivos não o traduzem. A teoria ficou, então, conhecida por Semântica de *Frames* entre os estudiosos brasileiros.

funcionariam, então, como “gatilhos” que, uma vez disparados, permitiriam ao falante recuperar, em seu repertório mental, a estrutura cognitiva que organiza o conhecimento acerca daquela unidade lexical. Para Fillmore (1982, p. 112) “[...] palavras representam categorizações de experiências, sendo que cada uma dessas categorias baseia-se em uma situação motivadora que ocorre em determinado contexto de conhecimento da experiência”.

Assim, as palavras que ativam ou evocam *frames* representam categorizações de experiências que são sustentadas por parâmetros culturais. Retomando o exemplo de *breakfast*, compreender o significado desse item lexical implica levar em conta algumas condições que variam dependendo do contexto cultural. Dessa forma, as expressões suprarreferidas *breakfast for dinner* e *breakfast all day* estão relacionadas a categorias de experiência diferentes – na perspectiva da Semântica de *Frames*, essas categorias são também *frames* distintos, cuja organização é condicionada culturalmente.

Da mesma forma, o clássico exemplo de transação comercial (FILLMORE, 1976; 1977; 1985) mostra que entender uma palavra implica compreender como se organiza o *frame* ativado por esse item lexical: para saber o que significa o verbo *vender*, o falante acessa os conceitos que estão intrinsecamente ligados a um evento de transação comercial: o *comprador*, o *vendedor*, a *mercadoria*, o *valor* da mercadoria e a *moeda* em que a transação é realizada; trata-se, portanto, de elementos que configuram o *frame*. O falante, então, compreende que itens lexicais como *vender* e *comprar* estão relacionados a dois eventos interligados, cuja diferença é uma questão de perspectiva: enquanto *vender* coloca em evidência o *vendedor*, *comprar* salienta o papel do *comprador*. O *frame* de transação comercial é um exemplo de como o significado é tratado pela Semântica de *Frames*. Nessa abordagem, o significado de *vender* não é descrito como um conhecimento linguístico “carregado” por esse verbo, mas como um conhecimento contextual e culturalmente situado.

Ao tratar dos significados linguísticos, Fillmore (1982, p. 119) enfatiza a importância do contexto na compreensão dos diferentes enquadres de uma palavra:

Um ‘*frame*’,⁹ do modo como essa noção é empregada na descrição de significados linguísticos, é um sistema de categorias estruturado de acordo com um determinado contexto motivador. Algumas palavras existem para propiciar acesso ao conhecimento de tais *frames* aos participantes do processo comunicativo e, simultaneamente, servem para representar uma categorização que pressupõe a validade desse *frame*.

⁹ O termo é *frame* é apresentado entre aspas no texto em inglês.

O conceito de *frame*, no contexto deste trabalho, está diretamente relacionado ao processo cognitivo de conceptualização (LANGANCKER, 2008). Como os marcadores culturais representam conceitos geralmente desconhecidos pela cultura da língua alvo, o significado desses itens lexicais necessita ser conceptualizado pelo tradutor, que buscará compreender a abrangência intensional e estensional antes de propor um equivalente de tradução. O significado desses marcadores culturais pode não ser estável ao longo da tradução, ou em diferentes traduções. É por esse motivo que, neste trabalho, advoga-se que as relações de equivalência estabelecidas pelo tradutor são de natureza dinâmica, além de serem ancoradas em aproximações entre estruturas conceptuais similares de culturas diversas, a saber: os *frames*.

Para exemplificar a conceptualização dinâmica do significado pela tradução, pode-se citar o estudo de Rebechi (2015) sobre as diferenças entre *farinha de milho* e *fubá*, e a forma como esses dois produtos, diferenciados pelo modo de produção, são conceptualizados como o mesmo produto, *cornmeal*, em traduções de receitas da culinária brasileira para o inglês. Uma vez que o termo *cornflour* (farinha de milho) pode ser compreendido por falantes de inglês como amido de milho, o tradutor tende a marcar a diferença entre a textura mais grossa da farinha de milho brasileira por *flaky cornmeal*, mesmo que essa fraseologia não seja uma colocação recorrente na língua de tradução.

Levando-se em consideração a ativação de estruturas conceptuais contextual e culturalmente situadas, pode-se entender o *frame* como uma estrutura conceptual que terá de ser evocada, ou seja, ativada, para a compreensão do significado de um item lexical. O desafio, portanto, apresentado pelos marcadores culturais à tradução é, justamente, a falta de acesso ao *frame* que é compartilhado pelos falantes da língua alvo. O tradutor necessita, nesses casos, realizar um processo de conceptualização do marcador cultural ao traduzi-lo para a língua alvo. Ou seja, o significado do marcador cultural precisa ser ressignificado, para somente então buscar-se um equivalente mais apropriado para um conceito que não existe naquela cultura. Na seção seguinte, são trazidos exemplos desse processo de ressignificação dos marcadores culturais pela tradução.

5. Os marcadores culturais em *Casa-grande & senzala*: a equivalência de tradução revista à luz da Semântica de *Frames*

Para este estudo, os termos culturalmente marcados da obra *Casa-grande & senzala* (FREYRE, 1998) relacionados à estrutura e organização dos engenhos de açúcar do Brasil colonial foram selecionados e comparados a seus equivalentes de tradução na versão em inglês *The Masters and the Slaves* (FREYRE, 1986). Foram selecionados, para essa análise, os seguintes termos culturalmente marcados: *casa-grande*, *senzala*, *engenho* e *senhor de engenho*. Esses termos formam o que se pode chamar de *frame* de engenho. Ou seja, são conceitos que estão relacionados entre si, de forma que entender a organização desse *frame*, que está situado cultural e temporalmente, implica considerar as inter-relações entre todos esses elementos. Excluíram-se deste trabalho outros termos, também relacionados ao *frame* de engenho, mas que não têm o caráter de marcador cultural, como *escravo*, por exemplo. A seguir, são apresentados os procedimentos metodológicos adotados para a geração dos dados e a análise dos termos selecionados para este estudo.

5.1 Metodologia

Conforme se afirmou anteriormente, este trabalho analisa marcadores culturais presentes na obra *Casa-grande & senzala*, de Gilberto Freyre, e seus equivalentes de tradução na versão em inglês *The Masters and the Slaves*. A pesquisa seguiu a direção texto fonte para texto alvo, respeitando as etapas metodológicas seguintes:

1. **compilação do corpus:** digitalização da obra *Casa-grande & senzala* e sua tradução para o inglês *The Masters and the Slaves*, utilizando a tecnologia OCR (Optical Character Recognition) para transformar as imagens digitalizadas em documento de texto;
2. **identificação dos marcadores culturais:** processamento do texto em português com WordSmith Tools (SCOTT, 2008), criação de lista de palavras e identificação dos marcadores culturais presentes nessa lista;
3. **identificação de frames semânticos:** identificação de *frames* evocados pelos marcadores culturais, como *ocupação*, *construção* e *espiritualidade*;
4. **criação de fichas catalográficas:** criação de fichas catalográficas, de acordo com os *frames* identificados na etapa anterior, para a organização dos termos selecionados e alinhamento das linhas de concordância em português e inglês;
5. **alinhamento das linhas de concordância:** busca no *corpus* em português pelas linhas de concordância em que os marcadores culturais aparecem; identificação, no *corpus* em

inglês, das linhas de concordância em que os equivalentes de tradução ocorrem; e alinhamento das linhas de concordância em português com os contextos correspondentes em inglês.

Uma vez que os marcadores culturais foram organizados em fichas catalográficas e que as linhas de concordância, para cada marcador cultural, foram coletadas no *corpus* e alinhadas, em português e inglês, na ficha catalográfica, foi possível iniciar a investigação acerca da equivalência de tradução desses itens lexicais. Apresenta-se, na próxima seção, a discussão dos dados observados a partir da análise do *corpus*.

5.2 Discussão dos dados

O processamento do *corpus* em português com WordSmith Tools identificou um total de 216.339 *tokens*.¹⁰ O primeiro passo para a identificação dos possíveis *frames* que interessariam a esta pesquisa foi listar todos os *tokens* em um arquivo de texto e excluir da lista todos os *tokens* que não se encaixavam no escopo da análise, restando apenas os marcadores culturais. Para confirmar a especificidade cultural dos termos selecionados, recorreu-se a pesquisa em dicionários para verificar se os termos selecionados eram, de fato, peculiares à cultura brasileira.

Como a pesquisa aqui apresentada segue os princípios teórico-metodológicos da Semântica de *Frames*, os termos que estavam relacionados entre si foram agrupados em *frames*. Os dados discutidos neste trabalho limitam-se a apenas um dos *frames* identificados, o *frame* de engenho, que inclui os seguintes marcadores culturais: *casa-grande*, *senzala*, *engenho* e *senhor de engenho*. Outros termos, como *escravo*, que também compõem o *frame* de engenho, não foram objeto desta pesquisa, visto que o objetivo, nesta etapa, era a investigação de termos culturalmente marcados.

Cabe aqui explicar o que se está chamando de *frame* de engenho. Os engenhos de que Gilberto Freyre tanto trata em sua obra-prima *Casa-grande & senzala* foram a principal forma de ocupação das terras do nordeste brasileiro durante a colonização portuguesa do Brasil. Esse sistema de colonização estava baseado na produção de açúcar em grandes latifúndios, com vistas ao mercado externo. As terras eram gerenciadas por famílias aristocráticas,

¹⁰*Token* e *type* são termos largamente empregados na Linguística do *Corpus* para descrever o tamanho dos *corpora*. Para referir-se ao número total de palavras em um conjunto de textos, utiliza-se o termo *token*, já para referir-se ao número de palavras diferentes que aparece em uma coleção de textos, utiliza-se o termo *type*. No trabalho aqui apresentado não é feita a contagem de *types*, uma vez que as ferramentas de gerenciamento de *corpus* utilizadas nesta pesquisa não possibilitam a contagem do número de *types* presentes no *corpus*.

fundamentadas no modelo patriarcal. O chefe da família era conhecido como *senhor de engenho* e era o chefe do *engenho*, ou seja, da fazenda de produção de açúcar. O engenho, por sua vez, era composto pela plantação de cana de açúcar, matéria-prima da produção de açúcar no Brasil, a *senzala*, onde os escravos dormiam, e a *casa-grande*, residência do senhor de engenho e sua família. Quando se fala em *frame* de engenho, tem-se em mente essa estrutura histórica de produção agrícola, típica da colonização portuguesa do Brasil. Assim, esta pesquisa buscou os equivalentes desses termos na tradução de *Casa-grande & senzala* para o inglês.

Como esses termos são tipicamente associados à forma de colonização do Brasil, esperava-se que eles não pudessem ser traduzidos. No entanto, os resultados não foram os esperados. Observou-se, sim, que esses itens lexicais foram traduzidos. A partir dessa constatação, a pesquisa buscou, na Semântica de *Frames* e na Linguística Cognitiva, respostas para os dados observados. Apresentam-se, a seguir, os equivalentes de tradução propostos pelo tradutor da obra para *casa-grande*, *senzala*, *engenho* e *senhor de engenho*.

Os termos acima referidos foram comparados aos seus equivalentes na tradução para o inglês de *Casa-grande & senzala*, *The Masters and the Slaves*. O termo *casa-grande* foi traduzido ao longo de toda a obra como *Big House*. *Senzala* recebeu diferentes traduções: *slavehut* (39 ocorrências no *corpus*), *senzala* (12 ocorrências), *slavequarters* (4 ocorrências) e *slashed* (3 ocorrências). O exemplo 1 ilustra um dos casos observados no *corpus* em que o termo *senzala* foi traduzido como *slavehut*. A fim de comparar o termo em português com o equivalente proposto para o inglês, esse exemplo está dividido em *a*, para o texto fonte em português, e *b*, para a tradução em inglês:

Exemplo 1:

- a. Melhor alimentados, repetimos, eram na sociedade escravocrata os extremos: os brancos das casas-grandes e os negros das **senzalas**.
- b. The best nourished, let us repeat, in this society based upon slavery were the two extremes: the whites of the Big Houses and the Negroes of the **slave huts**.

Os equivalentes de tradução propostos para *senzala* permitem repensar a equivalência de tradução dos marcadores culturais, não como uma propriedade lexical, mas como uma relação conceptual de aproximação entre *frames* de culturas diversas. Na falta de um equivalente para um termo culturalmente marcado como *senzala*, o tradutor optou por aproximar o *frame* de engenho ao *frame* de *plantation*. As *plantations*, ou plantações, são uma forma de organização da produção agrícola nos Estados Unidos da América. Essas propriedades rurais

do sul dos Estados Unidos eram latifúndios dedicados à produção do algodão e movidos à mão de obra escrava. A forma de habitação dos escravos nessas propriedades era diversa daquela adotada nos engenhos brasileiros, a *senzala*. Os escravos viviam em cabanas (*huts*), que eram agrupadas em blocos (*slave's quarters*) a alguma distância da casa dos proprietários (*main house*).

No caso de *slavehut*, percebe-se que o tradutor buscou estabelecer uma relação entre a forma de abrigo para escravos utilizada no Brasil (*senzalas*) com a forma de abrigo utilizada nos E.E.U.U. (*huts*). Assim, levando em consideração o princípio defendido por Fillmore (1982, p. 112) de que as palavras são categorizações de experiências, e de que o esforço de uma semântica baseada em *frames* deve ser de “[...] entender as razões que levam uma comunidade de fala a criar determinada categoria representada pela palavras, bem como para explicar o significado da palavra, demonstrando e esclarecendo essas razões”, poder-se-ia afirmar que esses dois termos não representam a mesma categorização de experiências vividas pelas comunidades de fala da cultura fonte e da cultura alvo. Quais os motivos, então, que levam o tradutor a estabelecer relações de equivalência entre esses termos?

Possivelmente sejam as semelhanças, e não as diferenças, que motivem essas relações. Tanto *slavehut* quanto *senzala* representam categorias que estão inseridas em um contexto de produção rural, que e eram abrigos utilizados por escravos. Tem-se, na tradução do termo *senzala*, uma conceptualização sobre como seria essa forma de abrigo e qual a sua função por meio da aproximação entre essas duas estruturas de organização da experiência: o *frame* de engenho e o *frame* de *plantation*. Assim, pode-se dizer que um dos esforços de um estudo de tradução baseado em *frames* é o de entender os motivos que levam o tradutor a escolher palavras que representam categorizações de experiência de uma comunidade de fala como equivalentes de tradução de uma palavra contextual e culturalmente ancorada nas experiências de outra comunidade de fala.

O termo *engenho* apresentou como equivalentes *plantation* (67 ocorrências), *device* (5 ocorrências), *mill* (5 ocorrências), *sugar plantation* (4 ocorrências), *sugar-mill* (2 ocorrências) e “*the land*” (1 ocorrência)¹¹. O exemplo 2 ilustra um dos casos observados no *corpus* em que o termo *engenho* foi traduzido como *plantation*. Aqui, assim como no exemplo anterior, também divide-se o exemplo em *a*, para o trecho em português, e em *b*, para o trecho em inglês:

¹¹ A expressão “*the land*” aparece entre aspas na tradução para a língua inglesa, *The máster and the slaves*. A expressão correspondente no texto em português não é apresentada pelo autor entre aspas.

Exemplo 2:

- a. Parecem de origem africana os seguintes nomes de **engenhos** do Norte: Qualombo, Malemba, Mamulunga, Inhamã; e o são com certeza os nomes de lugares ou **engenhos**: Zumbi, Macangano, Catucá, Cafundó.
- b. The following names of **plantations** in the north appear to be of African origin: Qualombo, Malemba, Mamulunga, Inhama; and the following names of places or **plantations** are assuredly African: Zumbí, Macangano, Catucá, Cafundó.

Percebem-se, com esses exemplos, as relações metonímicas do termo em português: *engenho* pode referir-se à propriedade (*the land*), ao equipamento de produção do extrato da cana de açúcar (*mill, device e sugar-mill*) ou à parte da propriedade dominada pela plantação de cana de açúcar (*plantation, sugar plantation*). Enquanto o termo em português é polissêmico e traz implicitamente todas essas delimitações de sentido, em inglês, o tradutor buscou explicitar essas diversas relações de sentido presentes no termo. O exemplo 3 ilustra um dos casos em que o termo *engenho*, referindo-se ao instrumento de extração do sumo da cana de açúcar, é traduzido como *sugar-mill*:

Exemplo 3:

- a. Vida opulenta, e até espaventosa, a daqueles colonos portugueses que, dispendo de capitais para se estabelecerem com engenhos, conseguiram prosperar no Brasil, logo nos primeiros tempos, à custa do açúcar e do negro - os de Pernambuco com 23 **engenhos** movidos a bois ou a água produzindo, em 1576, de 50 a 70 mil arrobas de açúcar; os da Bahia com 18.
- b. [...] Those of Pernambuco had twenty-three **sugar-mills**, worked by oxen or by water, producing, in 1576, from fifty to seventy thousand arrobas of sugar.

Percebe-se novamente, nos equivalentes do termo *engenho* estabelecidos pelo tradutor, uma aproximação conceptual com o *frame* de *plantation*. Ao contrário do termo *senzala*, cuja tradução foi evitada por 12 vezes, o termo *engenho* foi traduzido em todas as suas ocorrências. Em todos os casos em que o termo fazia referência à propriedade rural, o tradutor trouxe como equivalente de tradução *plantation e land*. O termo *plantation* apresenta uma aproximação conceptual com as propriedades rurais escravagistas do sul dos Estados Unidos, sendo empregado em larga escala para referir-se a esse tipo de propriedade agrícola.

Para a Semântica de *Frames*, os itens lexicais são pontos de acesso às conceptualizações realizadas pelos falantes de uma determinada comunidade de fala. E o procedimento metodológico adotada por essa abordagem teórica é essencialmente empírica, o

que leva Fillmore (1982, p. 111) a chamá-la de “[...] programa de pesquisa sobre semântica empírica e um modelo descritivo para apresentar os resultados de tal pesquisa”. Os estudos do léxico baseados em *frames* são, em sua essência, estudos baseados em *corpus*, conforme os procedimentos metodológicos elencados em Fillmore e Backer (2010).

Esse princípio teórico-metodológico, aplicado aos estudos de tradução como apresenta-se aqui, pode ser traduzido em quatro passos metodológicos fundamentais (já abordados na seção 5.1): (i) estudos do *corpus* na língua fonte e identificação de itens lexicais que funcionam como marcadores culturais; (ii) identificação dos *frames* evocados por esses itens lexicais, etapa que envolve descobrir se os conceitos representados por esses itens lexicais estão relacionados entre si, como no caso do *frame* de engenho, que tem como conceitos inter-relacionados: *engenho* (a propriedade rural), *engenho* (a máquina de extração de calda da cana de açúcar), *senzala*, *casa-grande* e *senhor de engenho*; (iii) busca, no *corpus* de tradução, pelos equivalentes dos termos em estudo; e (iv) identificação dos *frames* evocados pelos equivalentes na língua alvo. Essa mesma abordagem é aplicada aos estudos contrastivos de termos jurídicos em Bertoldi, Chishman e Boas (2010) e Bertoldi e Chishman (2013).

Dado que termos como *Big House*, *planter*, *slavequarters* e *slavehuts*, como pode ser verificado na obra de Vlach (1993), são empregados para se descrever a plantação norte-americana, o emprego desses mesmos itens lexicais para a tradução de termos contextualmente ancorados na formação histórica do Brasil é um indício a ser considerado sobre os processos cognitivos que podem estar envolvidos na tomada de decisão durante o processo tradutório. Os dados analisados neste trabalho sugerem que a conceptualização na tomada de decisões pode estar relacionada a processos metonímicos de construção da significação e aproximações conceptuais entre *frames* similares. E entende-se, neste trabalho, que os itens lexicais escolhidos pelo tradutor forneçam indícios, se não suficientes, pelo menos significativos, para a investigação desses processos cognitivos.

Relações de aproximação conceptual entre *frames*, semelhantes àquelas estabelecidas para *engenho*, ocorrem na tradução do termo *senhor de engenho*: *plantation-owner* (37 ocorrências), *planter* (18 ocorrências), *sugar-planter* (5 ocorrências), *lord of the Manor* (5 ocorrências), *lord of the plantation* (4 ocorrências). O exemplo 4 traz uma das linhas de concordância do *corpus* em que *plantation-owner* é equivalente de tradução de *senhor de engenho*.

Exemplo 4:

- a. Raro o **senhor de engenho** que morreu sem deixar alforriados, no testamento, negros e mulatas de sua fábrica.
- b. Rarely did a **plantation-owner** die without freeing, in his will, some of the Negroes and mulatto women on his estate.

No caso dos equivalents de *senhor de engenho*, chama a atenção o fato de que os equivalentes mais próximos a uma tradução literal do termo, como *lord of the Manor* e *lord of the plantation*, são os menos produtivos no *corpus* em estudo. Os itens lexicais *owner* e *planter* são termos mais significativos, no contexto da escravidão nos E.E.U.U., como pode-se observar em Vlach (1993), para referir-se aos proprietários de propriedades rurais baseadas em mão de obra escrava. Novamente, salienta-se a importância dos indícios lexicais na identificação dos *frames* semânticos que podem estar sendo ativados pelo tradutor durante o processo de busca por relações de equivalência.

Os exemplos trazidos neste artigo sugerem que os marcadores culturais, devido à sua especificidade cultural, podem não ter um equivalente absoluto de tradução. Nesses casos de falta de equivalência causada por fatores culturais, o tradutor provavelmente conceptualize o significado do termo inexistente em sua cultura com base em conceitos existentes, como acontece com *engenho* e *plantation*, ou ainda *senzala* e *slavehut*. No caso de *engenho*, mesmo que a organização dessa propriedade colonial brasileira difira das plantações norte-americanas no que concerne ao produto cultivado e à organização espacial de suas infraestruturas, ainda assim é possível encontrar semelhanças entre essas duas formas de produção agrícola. Possivelmente, essas semelhanças entre os *frames* de engenho e de *plantation* permitam ao tradutor realizar uma aproximação conceptual entre os termos relacionados ao *frame* da cultura estrangeira com os termos de cultura para a qual a tradução está sendo feita, buscando relações de equivalência entre termos de *frames* similares, mas de culturas distintas. Assim, o tradutor poderia estabelecer equivalências para termos que, *a priori*, seriam considerados intraduzíveis.

Casa-grande & senzala, de Gilberto Freyre, foi uma obra escrita em português e que encontrou nos brasileiros o seu maior público leitor. Para a grande maioria dos brasileiros, não seria um problema reconhecer o *frame* de engenho e todos os conceitos associados a esse *frame*. Os engenhos de açúcar fazem parte da história do Brasil, e todas as crianças estudam na escola os diferentes ciclos de produção de bens do Brasil colônia, desde a extração do pau-brasil até a produção cafeeira do fim do século XIX, sem deixar de lado a produção de açúcar no nordeste e a invasão holandesa motivada pelo controle da produção açucareira.

Assim, não é difícil para a maioria dos brasileiros entender que o conceito de *engenho* (fazenda de produção de açúcar) implica uma relação com outros conceitos, como *plantação*, *engenho* (máquina de moer cana de açúcar movida a tração animal), *casa-grande*, *senzala*, *escravo*, *capataz* e *senhor de engenho*. Ou seja, quando um desses conceitos é evocado na leitura de um texto, conforme Fillmore (1985), todos os demais conceitos relacionados são recuperados pela memória do leitor. Esse conjunto de conceitos relacionados entre si – de forma que para entender um deles é preciso entender os demais (FILLMORE, 1985) – é o *frame* de *engenho*. E como o tradutor vai dar conta de traduzir palavras que se referem a conceitos de um *frame* que não é conhecido pelo público-alvo da tradução?

Ao traduzir um marcador cultural, o tradutor pode não encontrar um equivalente apropriado, necessitando ressignificar esse item lexical para o público alvo da tradução. O tradutor pode, então, propor como equivalente de tradução um item lexical que evoque um *frame* similar na cultura da língua alvo. Esse seria o caso da tradução de *slavehut* como *senzala*. O fato, porém, de o tradutor ter proposto uma relação de equivalência não implica uma equivalência de tradução de fato. A relação de equivalência estabelecida pelo tradutor entre *slavehut* e *senzala* não implica uma relação de igualdade entre essas duas entidades do mundo. Talvez aqui esteja a explicação para o fato de muitos estudiosos de tradução rechaçarem o conceito de equivalência de tradução, pois o que se verifica com os marcadores culturais não é uma equivalência, mas uma conceptualização do item traduzido.

Essa conceptualização na língua de tradução do item lexical da língua estrangeira provoca a domesticação (VENUTI, 2001) de um conceito ao qual a maioria dos falantes da língua em tradução não tem acesso. O público alvo da tradução não compartilha com os falantes da língua estrangeira o conhecimento do *frame* no qual aquele conceito está inserido. Essa domesticação pode criar representações distorcidas da cultura estrangeira. Hall (1997, p. 17) afirma que “a representação é a produção do significado de um conceito em nossa mente por meio da linguagem. É a conexão entre os conceitos e a linguagem que nos possibilita fazer referência a objetos, pessoas e eventos do mundo ‘real’, ou a eventos, pessoas e objetos de mundos imaginários”. A tradução, ao criar uma representação da cultura estrangeira, está criando, também, uma identidade para essa cultura, não apenas estabelecendo relações de equivalência.

Os resultados dessa investigação permitem afirmar que são necessários mais estudos sobre a questão da equivalência de tradução dos marcadores culturais, deslocando o foco da

simples equivalência entre itens lexicais, como se percebe na literatura de equivalência de tradução trazida neste trabalho (ALTENBERG; GRANGER, 2002; SNELL-HORNBY, 1983; KADE, 1968), e reenquadrando a questão da equivalência em um nível de investigação cognitivo e cultural, perguntando-se como o tradutor consegue estabelecer relações de equivalência entre itens lexicais que evocam *frames* distintos e como a domesticação desses conceitos culturalmente marcados cria identidades culturais (VENUTI, 2001).

6. Considerações finais

Este artigo discutiu a equivalência de tradução dos marcadores culturais sob o viés da Semântica de *Frames*. Buscou-se, a partir de uma abordagem metodológica baseada na Linguística de *Corpus*, identificar os equivalentes de tradução propostos pelo tradutor de *Casa-grande & senzala*, em inglês, para os marcadores culturais *casa-grande*, *senzala*, *engenho* e *senhor de engenho*. Este trabalho buscou apresentar uma interpretação para o conceito de equivalência menos fundamentada na correspondência lexical e semântica entre itens lexicais de línguas distintas e mais relacionada ao processo cognitivo de conceptualização (LANGACKER, 2008) do conceito da cultura estrangeira e à domesticação (VENUTI, 2001) desse conceito à cultura da língua em tradução.

Reconhece-se que o trabalho aqui apresentado tem limitações. Primeiramente, os dados discutidos aqui foram metodologicamente delimitados pelo *frame* de engenho e, conseqüentemente, esse trabalho não traz todos os dados já gerados em mais de um ano de pesquisa. Não se discutiu, por exemplo, a rede de sinonímia que envolve o marcador cultural *senhor de engenho* e seus sinônimos *ioiô* ou *nhonhô*, igualmente marcadores culturais. Em segundo lugar, não foram explorados neste trabalho outros *frames* igualmente importantes pela representatividade de seus termos culturalmente marcados, como o *frame* de espiritualidade, com marcadores como *macumba* e *mandinga*, ou o *frame* de construção, com marcadores como *taipa* e *sapê*. Reconhece-se a necessidade de se tratar dessas questões em trabalhos futuros, a fim de se delinear, com mais precisão, o papel do processo cognitivo de conceptualização baseada em *frames* semânticos para a tradução de termos culturalmente marcados.

Finalmente, este trabalho limitou-se a estudar a tradução como produto: os marcadores culturais presentes em *Casa-grande & senzala* foram contrastados com seus equivalentes de tradução em *The Masters and the Slaves*. Um ponto que necessita ser levado em consideração é a necessidade de, futuramente, triangular a interface processo-produto (ALVES, 2003) a fim

de investigar os processos inferenciais (ALVES e GONÇALVES, 2003) envolvidos na tradução.

Referências

ALTERNBERG, B.; GRANGER, S. (Ed.). **Lexis in Contrast: Corpus-based Approaches**. Amsterdam: John Benjamins, 2002. <http://dx.doi.org/10.1075/scl.7>

ALVES, F. Tradução, cognição e contextualização: triangulando a interface processo-produto no desempenho de tradutores novatos. **DELTA**. Vol.19 Especial, p.71-108, 2003.

ALVES, F.; GONÇALVES, J. L. V. R. A Relevance Theory approach to the investigation of inferential processes in translation. In: ALVES, F. **Triangulating translation: perspectives in process oriented research**. Amsterdam/Philadelfia: John Benjamins, 2003, p. 3-24. <http://dx.doi.org/10.1075/btl.45.04alv>

ARROJO, R. **Oficina de Tradução: a teoria na prática**. São Paulo: Ática, 1986.

BERTOLDI, A.; CHISHMAN, R. Aplicando a Semântica de Frames na descrição do Direito brasileiro. **Veredas**. Edição especial: Semântica de *Frames* e suas aplicações computacionais. Vol. 17, nº 1, p. 117-133, 2013.

BERTOLDI, A.; CHISHMAN, R.; BOAS, H. Os verbos de julgamento em inglês e português: o que a análise contrastiva pode dizer sobre a Semântica de Frames. **Calidoscópico**. Vol. 8, nº 3, p. 210-225, 2010. <http://dx.doi.org/10.4013/cld.2010.83.05>

CATFORD, J. C. **Uma teoria linguística da tradução: um ensaio de linguística aplicada**. São Paulo: Cultrix, 1980.

OXFORD UNIVERSITY PRESS (Ed.). **Dicionário Oxford Escolar**. Português-Inglês/Inglês-Português. 1ªed. 8ª impressão. Oxford/New York: Oxford University Press, 2002.685p.

DUVAL, A. Equivalence in bilingual dictionaries. In: FONTENELLE, T. (Ed.) **Practical lexicography: a reader**. Oxford: Oxford University Press, 2008, p.273-282.

FILLMORE C. J. Frames semantics and the nature of language. In: **Conference on the origin and development of language and speech**. New York: New York Academy of Science. Vol. 280, p. 20-32, 1976. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1749-6632.1976.tb25467.x>

FILLMORE C. J. Scenes-and-frames semantics. In: ZAMPOLLI, A. (Ed.). **Linguistic Structures Processing**. New York: North Holland Publishing, 1977, p. 55-88.

FILLMORE, C. J. Frame semantics. THE LINGUISTIC SOCIETY OF KOREA (Ed.). **Linguistics in the Morning Calm**. Seoul: Hanshing, 1982, p.111-137.

FILLMORE, C. J. Frames and the semantics of understanding. **Quadernidi Semantica**. Vol. 6, n.2, p.222-254, 1985.

FILLMORE, C. J.; BAKER, C. A frames approach to semantic analysis. In: HEINE, B.; NARROG, H. (Eds.). **The Oxford Handbook of Linguistic Analysis**. Oxford: Oxford University Press, 2010, p.313-339.

FRANCO, J. **Condicionantes de traducción y su aplicación a los nombres propios** (Inglês-Español). Tesis inédita. Universidad de Alicante, Alicante, 1996.

FREYRE, G. **The Masters and the Slaves**. A Study in the Development of the Brazilian Civilization. Second English-language edition, revised. Berkeley/Los Angeles/London: The University of California Press, 1986.

FREYRE, G. **Casa-grande & senzala**. 34ª edição. Rio de Janeiro: Editora Record, 1998.

FREYRE, G. **Casa-grande & senzala**. 48ª edição. São Paulo: Editora Global, 2003.

GOFFMAN, E. **Frame Analysis**. New York: Harper, 1974.

HALL, S. The work of representation. In: HALL, S. (Ed.). **Representation. Cultural Representations and Signifying Practices**. London: Sage/Open University, 1997, p. 13-74.

HERRERO RODES, L. Sobre la traducibilidad de los marcadores culturales. In: CHESTERMAN, A.; GALLARDO SAN SALVADOR, N.; GAMBIER, Y. (Ed.). **Translation in context: Selected Contributions from the EST Congress**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1998, p. 307-316.

HERRERO RODES, L. La Traducción entre Culturas: la traducción de los marcadores culturales específicos en la novela angloindia de la década de los noventa. Tesis doctoral. Universidad de Alicante, Alicante, 1999.

LANGACKER, R. W. **Cognitive grammar**. A Basic Introduction. New York: Oxford University Press, 2008. <http://dx.doi.org/10.1093/acprof:oso/9780195331967.001.0001>

LONGMAN (Ed.). **Longman Dictionary of Contemporary English**. Third edition. Essex: Longman, 1995. 1668p.

MAYORAL, R. La explicitación de información en la traducción intercultural. HURTADO, A. (Ed.). **Estudios sobre la traducción**. Barcelona: Publicacions de la Universitat Jaume I, 1994 p.73-96.

MINSKY, M. A Framework for Representing Knowledge. **Artificial Intelligence Memo N° 306**. Cambridge, MA: Massachusetts Institute of Technology, 1974.

NIDA, E. **Toward a Science of Translation**. With Special Reference to Principles and Procedures Involved in Bible Translation. Leiden: Brill, 1964.

NEWMARK, P. **Approaches to Translation**. London: Phoenix ELT, 1982.

NEWMARK, P. A. **Textbook of Translation**. London: Prentice Hall, 1988.

PYM, A. **Exploring translation theories**. London/New York: Routledge, 2010.

REBECHI, R. A busca por equivalentes para termos culturalmente marcados: o caso da ‘farinha de milho’. In: VIANA, V.; TAGNIN, S. E. O. (Org.). **Corpora na tradução**. São Paulo: HUB Editorial, 2015, p. 75-103.

SCOTT, M. **WordSmith Tools Version 5**. Liverpool: Lexical Analysis Software, 2008.

SNELL-HORNBY, M. **Verb-descriptivity in German and English: A Contrastive Study in Semantic Fields**. Heidelberg: Carl Winter - Universitätsverlag, 1983. 279 p.
<http://dx.doi.org/10.1515/9783110924305.193>

SNELL-HORNBY, M. Of catfish and blue bananas: scenes-and-frames semantics as a contrastive ‘knowledge system’ for translation. In: DAM, V.; ENGBERG, J.; GERZYMISCH-ARGBOGAST, H. (Ed.) **Knowledge systems and translation**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2005, p. 193-206.

VENUTI, L. A tradução e a formação de identidades culturais. In: SIGNORINI, I. (Org.). **Língua(gem) e identidade**. São Paulo: Mercado de Letras, 2001, p.173-202.

VANNEREM, M.; SNELL-HORNBY, M. Die SzenehinterdemText: ‘scenes-and-frames semantics’ in der Übertzung. In: SNELL-HORNBY (Ed.). **Übersetzungswissenschaft – Eine Neuorientierung**. ZurIntegrierung von Theorie und Praxis (UTB 1415).Tübingen: Francke, 1986, p.184-205.

VERMEER, H.; WITTE, H. **Mögen Sie Zistrosen? Scenes & frames & channels im translatorischen Handeln**. Heidelberg: Groos, 1990.165p.

VLACH, J. M. **Back of the Big House: The Architecture of Plantation Slavery**.Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1993.

Artigo recebido em: 31.01.2016

Artigo aprovado em: 02.05.2016